

“Os interesses em jogo”

por José Casado
de Salvador

“Professor, o senhor acha que o ministro do Planejamento é incompetente?” A pergunta disparada pelo empresário José Rosalvo Peixinho, da Cimento Aratu S.A., o economista João Manuel Cardoso de Mello sorriu, fez uma pausa e respondeu: “Veja, vocês concluíram aqui que recessão é fatal em 1983 e que é preciso fazer alguma coisa, bem depressa, para evitá-la, bem como realizar um amplo debate nacional sobre um programa econômico de longo prazo para o País, envolvendo até a validade ou

não da renegociação da dívida externa. Diante do quadro atual, extremamente grave, não creio que seja uma questão de competência, mas de interesse. São 120 milhões de brasileiros trabalhando para vinte bancos nacionais e vinte bancos internacionais. Há grandes interesses em jogo...”

Três filas atrás, outro empresário interrompeu, suspirando: “Ai que saudades do Reis Velloso (João Paulo dos Reis Velloso, ex-ministro do Planejamento); ele, pelo menos, tinha um plano global, um plano nacional de desenvolvimento...” E foi, também, aparteado por outro debatedor, este em tom mais agressivo: “Então, para que foi feita a recessão de 1981?” Cardoso de Mello retornou à cena como moderador: “Ninguém, no mundo inteiro, fez uma recessão tão selvagem quanto a do Brasil no ano passado, exceção ao Chile e Argentina, que não podem representar modelo econômico para ninguém. A recessão brasileira de 1981 foi feita em nome de duas coisas — queda da inflação e acerto do balanço de pagamentos. O resultado está aí”.

Os 25 baianos, empresários e economistas das áreas privada e estatal, riram e deixaram a sala para uma rodada de café. Estavam na metade do seminário “Repensando 82” e já tinham alcançado alguns pontos de consenso na análise da crise brasileira, tais como: a) esgotaram-se os indícios de recuperação econômica identificados em alguns setores no primeiro semestre; b) a taxa de juros, em plena ascensão, evidencia um novo ciclo recessivo, a partir de julho, que tende a se aprofundar nesse segundo semestre; c) vai haver um grande aperto no crédito no primeiro trimestre de 1983; d) serão aceleradas as correções monetária e cambial; e) haverá recessão em 1983, possivelmente mais grave que a do ano passado, porque a inflação tende, neste ano, a ser igual ou superior (109 a 115% são as hipóteses) que a de 1981 e, além disso, o País terá dificuldades para refinarçar sua dívida externa.

Quando acabou o café, esses empresários e economistas baianos sentaram-se, olharam para a tela da TV Executiva/Embratel, ouviram os relatos e comentários feitos nas outras capitais brasileiras e ficaram um tanto surpresos: suas opiniões, sugestões e avaliações sobre a crise são muito semelhantes às dos paulistas, cariocas, gaúchos, pernambucanos... Há divergências nas propostas de solução, mas ainda nesse campo encontraram pontos de afinidade. Por exemplo: como sintetizam Geraldo José Sampaio Araújo e Renato Ferreira de Abreu Castro, ambos da Po-

lipropileno, eles entendem que todas as opções de política econômica alternativa não são viáveis sem uma total reestruturação da economia, com base em um plano global. Discordam da eficácia da recessão como remédio; acham que a saída está no crescimento econômico, mesmo que para tanto seja necessário fazer uma renegociação da dívida externa, uma reforma tributária, uma reforma financeira e adaptações na gerência da dívida.